



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12412 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNEROS E SEXUALIDADES**

Rosylene Conceição Soares Cutrim - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Sirlene Mota Pinheiro da Silva - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

**EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNEROS E SEXUALIDADES**

## 1 INTRODUÇÃO

Insistimos na retórica de gêneros e sexualidades nas escolas, porque acreditamos que, o que não é visto, não vai ser falado, visibilizado e muito menos conhecido e entendido, pois se torna necessário informar sobre igualdade e desigualdade em direitos humanos, sobre diversidades e diferenças como porta de entrada para uma sociedade respeitosa e empática. Assuntos abordados como igualdade entre meninos e meninas, a prevenção das alunas e alunos sobre violência doméstica contra as mulheres, relações de poder e/ou abusivas, estupro, assédios morais, psicológicos e sexuais e principalmente, sobre o feminicídio e Lgbtqfobia, necessitam ser abordados nos sistemas de ensino. Da mesma forma, falar sobre a violência sexual, física ou simbólica, como desconstruir as masculinidades tóxicas, desobrigando aos meninos, jovens e adolescentes a terem posturas e atitudes machistas, sexistas e misóginas, são urgentes e necessárias.

Tratos desiguais, piadas, brincadeiras, silenciamentos, posturas cisheteronormativas impregnadas, preconceitos e discriminações são algumas das situações que ainda estão estruturando e direcionando atitudes e práticas didático-pedagógicas no ambiente escolar. Este artigo trata sobre a construção de uma educação para a igualdade de gêneros e sexualidades com o objetivo de analisar questões voltadas às relações de gênero e às sexualidades vivenciadas em uma escola estadual do ensino médio, na periferia de São Luís do Maranhão.

Iniciamos a escrita desse artigo, justificando a insistência no debate das temáticas sobre gêneros e sexualidades nas escolas, o como e o porquê do objeto de estudo escolhido

para a pesquisa. Posteriormente, detalhamos os caminhos percorridos pela metodologia que trilhamos. Descrevemos, logo depois, alguns pontos das análises de dados da pesquisa. Discorremos sobre a intervenção pedagógica que realizamos na escola *lócus* de nossos estudos e as nuances de sua aplicação. E por fim, apresentamos nossas conclusões, baseadas nos resultados da pesquisa, que não se esgota e se reinventa com as novas informações, configurações e situações reais que surgem diariamente.

Enfim, pautamos os estudos e trabalhos desenvolvidos visando a construção de uma educação e sociedade mais justa, igualitária, plural, cidadã e democrática, por isso a nossa pesquisa estrutura-se nas temáticas observadas, objetivando uma educação antimachista, antissexista, antirracista e antiLGBTQIfóbica.

## **2 GÊNERO E SEXUALIDADE NA TRAJETÓRIA PERCORRIDA**

A metodologia utilizada e a trajetória percorrida na realização da pesquisa foram iniciadas com um processo de investigação, de estudos e organização das atividades na pesquisa de campo e contatos realizados na escola escolhida. Paralelamente íamos realizando a revisão bibliográfica sobre o assunto de interesse que estruturou, teoricamente a dissertação. Conforme Gressler (2003, p 131) “para que uma investigação seja bem-sucedida supõe que o pesquisador já tenha conhecimento prévio do assunto.” Foram de suma importância as leituras das obras de Michel Foucault: *A Ordem do Discurso* (2014); *Arqueologia do Saber* (2005), *Microfísica do Poder* (2008), *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2009), *História da Sexualidade II* (2014), *História da Sexualidade III* (2014 a) e *História da Sexualidade I* (2015).

No caso da Professora Dra Jimena Furlani nos deparamos com material fundamentado em orientações e práticas educativas de professores/as da educação básica nas temáticas de raça, gênero e sexualidade, voltadas para o desenvolvimento humano, baseadas nos direitos e deveres de todos/as, valorizando e respeitando a diversidade e as diferenças. Também estrutura do trabalho, os estudos da Profa Dra Guacira Louro e sua defesa por uma educação para a igualdade de gênero e sexualidade no ambiente escolar. A autora analisa numa perspectiva pós-estruturalista, a interseccionalidade das diferenças e desigualdades sexuais e de gênero com as categorias de raça, etnia e classe. Também nos pautamos no mestre Paulo Freire com a *Pedagogia da Autonomia* (1987) e *Pedagogia do Oprimido* (1996), nas quais aborda a educação como um ato político e revolucionário, sendo uma ação transformadora a partir da troca e do diálogo. Segundo tal teórico, só atingimos uma prática pedagógica efetiva quando a educação, faz com que o/a aluno/a se reconheça como sujeito de sua história.

O local escolhido para a pesquisa, foi uma escola estadual de pequeno porte, na periferia de São Luís, com seis salas do ensino médio, sendo 02 de cada ano da modalidade, (1º, 2º e 3º ano), das quais trabalhamos com 03, uma do 1º ano (T-100), uma do 2º ano (T-200) e outra do 3º ano (T- 301) do turno vespertino. Sobre a pesquisa de campo, a realizamos

em quatro momentos, conforme o que segue:

Inicialmente analisamos documentos da escola, realizamos observação participante (observamos a estrutura física e rotina da escola absorvendo falas, ações, posturas e silêncios relacionados às questões de gênero e sexualidade), aplicação de questionários com 30% dos/as discentes das três turmas acima citadas, ou seja, 15 de cada turma, totalizando 45 alunos/as das três turmas pesquisadas, numa faixa etária entre 15 a 17 anos e realização de entrevistas semiestruturadas com os/as colaboradores/as da pesquisa (01 gestora geral, 01 apoio pedagógico e 04 professores/as, do turno vespertino), nas quais nos detemos a saber qual o entendimento destes/as sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual, se tais conteúdos são trabalhados e de que forma são debatidos em sala de aula com os/as discentes. E por fim realizamos as análises das respostas das entrevistas dos/as professores/as e dos questionários dos/as alunos/as, enfatizando a análise de discurso, tomando como base a linha de pensamento foucaultiana, intercalada aos ditos, não ditos e interditos na realidade vivenciada.

### **3 GÊNEROS E SEXUALIDADES ENTRE OS ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO**

Após conclusão dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa, como a observação participante, as entrevistas com os/as docentes, os questionários com os/as alunos/as, as conversas informais nos pátios da escola, os diálogos dos corredores, na sala dos professores/as e os interesses individuais iniciamos o momento dos estudos e análises do que pensavam, diziam e faziam os/as colaboradores/as da pesquisa sobre gêneros e sexualidades.

Subsidiando os estudos, na tentativa de aprender com Michael Foucault sobre a análise do discurso, onde supõe que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” Foucault (2014, p. 6), isto é, quando dos procedimentos de exclusão/ interdição, é condicionado quem deve falar, o que deve falar, aquele/a que escuta e cumpre.

Segundo Foucault (2008), tanto no que foi dito e do não-dito, no silenciado e não verbalizado, contém um discurso de poder na subjetivação, tentando desvendar a relação que permeia as práticas discursivas e os poderes. Diante disso, analisamos como os discursos relacionados às questões de gênero e sexualidade regulam, produzem e se efetivam nas atividades didático-pedagógicas do 1º ano T- 100, 2º ano T-200 e 3º ano T-301.

Além das análises quantitativas dos dados das entrevistas (gestora e professores/as) e questionários (alunos/as), utilizamos também da escuta como estratégia para captar os discursos ditos e não ditos dos/as nossos/as colaboradores/as de pesquisa, e suas nuances nos discursos relacionados às questões dos gêneros e sexualidades. Durante a observação

participante, em sala de aula, aos diálogos, posturas e silenciamentos dos/as professores/as e dos/as alunos/as, em respostas aos questionamentos que tínhamos. Da mesma forma, observamos ambientes coletivos como pátio, corredores da escola, fila da merenda escolar, na sala dos/as professores/as, na tentativa de investigar quais os saberes/poderes normatizados nas relações de gênero e sexuais, assim como quais subjetividades produzidas e legitimadas no cotidiano e no currículo da escola.

Diante disso, percebemos que o currículo oficial e o não oficial permeavam o discurso proferido pela comunidade escolar, assim como nas paredes, banheiros e demais espaços da escola que “falam”, em seus silêncios, demonstrando visualmente o que ela propõe e discorre sobre corpos, gêneros e sexualidades. Um currículo deve ser agregador, democrático e igualitário, levando às práticas pedagógicas pautadas na diversidade, na subjetividade, representatividade, cultura e nos marcadores de diferenças/identidades como gênero, raça, etnia e sexualidade. Silva (2017), ressalta que o currículo é espaço de poder, é trajetória. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

Enfim, pontuamos exemplos, atitudes, falas, ideologias, risos e silenciamentos cisheteronormativos que demonstraram o quanto que a escola de pesquisa é permeada por diferentes discursos sobre gênero e sexualidade, alguns equivocados, estereotipados, preconceituosos e discriminatórios. Tudo isso direcionou nossa intervenção pedagógica na escola conforme veremos a seguir.

### **3.1 A busca de uma educação para a igualdade de gêneros e sexualidades**

Percebemos a importância de uma formação continuada para os/as profissionais de educação e discentes, nas temáticas de gêneros e sexualidades na escola que podem ser veiculadas por palestras, roda de conversas, oficinas pedagógicas, cursos de extensão e de aperfeiçoamento e seminários, entre outros. Para Martins (2017), as temáticas de gênero e sexualidade são silenciadas, suscitando a necessidade de enveredarmos no desvelar do processo de formação nestas áreas de conhecimento. A autora, em sua pesquisa, percebe que a estrutura pedagógica, fragmentada em disciplinas, pouco contribuía na conquista dos saberes, pois a dicotomia teoria-prática fazia-se presente, tal qual a educação básica.

Ao finalizarmos as análises das entrevistas, iniciamos o processo de planejamento para estimular o debate dos assuntos escolhidos pelos/as docentes. Neste momento, decidimos realizar as rodas de conversas com os/as discentes, pois as compreendemos como um instrumento pedagógico de estímulo para a participação de todos/as, numa perspectiva de aprendizagem coletiva perante as diversidades, objetivando realizar atividades para a promoção da igualdade de gêneros e diversidades sexuais no ambiente escolar, como forma de fortalecer a construção de uma escola que cultiva e proporciona a cidadania de todas/as.

Durante as rodas de conversas utilizamos vídeos, debates, questões estimuladoras, slides e atividades grupais, com orientação/atividade educativa. Assim, o diálogo, os debates,

as análises sobre os temas escolhidos pelos/as colaboradores/as exigiram orientação e esclarecimento das dúvidas dos sujeitos envolvidos contribuindo para uma educação de gêneros e sexual crítica e reflexiva. Após avaliação, tanto professor e professora, quanto alunos/as participantes das rodas, declararam a importância das discussões e do aprendizado adquirido.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos estudos são baseados em diversidades, nas diferenças, em individualidades, com suas marcas sociais identitárias, onde somos únicos, mas somos diversos, heterogêneos, complexos, múltiplos, mutáveis, sendo constructos advindos de nossas experiências sociais, históricas e culturais, e que assim, não existe uma verdade única e imutável. Somos produções inconstantes e incompletas numa profusão de identidades que se autoconstroem, se desconstroem e se reconstróem. Não detemos uma única identidade a vida toda, somos diversos em nossa individualidade. A definição e imposição de normas e padrões seria injusto e antidemocrático. Portanto, nossas conclusões são aprendizagens diárias voltadas para olhares e posturas diante da pluralidade, buscando a empatia e a responsabilidade humana que respeite às diversidades de gêneros e sexualidades.

No entanto, na escola pesquisada confirmamos a necessidade de formação continuada para os/as docentes, nas temáticas de gêneros e sexualidades, e que inclusive foi solicitada pelos/as colaboradores/as. Existem ações voltadas para os referidos temas realizadas na escola, mesmo que sendo apenas pontuais, quando exigidas pela Secretaria de Educação, por meio de palestras, aulas, grupos de trabalho, caminhadas na comunidade sobre violência contra as mulheres, garantia de direitos humanos e outros. No entanto, há insuficiência de material pedagógico e a necessidade de reconstrução curricular e de metodologia e prática didático-pedagógica em sala de aula sobre os assuntos.

Detectamos que os/as discentes tinham interesse em conhecer e aprender sobre gêneros e sexualidades e apontam interesse em diversos temas, dos quais se destacam: “Gravidez na adolescência”, “Violência contra a mulher”, “Feminicídio”, “Pedofilia”, “Relações Sexuais”, “Orientação sexual”, “Transexualidade”, “Aborto”, “Feminismo”, “LGBTfobia”, “Machismo”, “Estupro” e “Preconceito sexual na escola”. As rodas de conversas, nas turmas pesquisadas, foram realizadas com resultados positivos com interesse, debates e conhecimento sobre as referidas temáticas.

Entendemos a importância e efetivação de uma educação pautada na pedagogia e currículo *queer*, que problematiza e questiona a identidade fixa e única, reconhecendo pessoas que não se inserem nos padrões cisheteronormativos, numa perspectiva de reconhecimento da diversidade e respeito às diferenças. Portanto, definir normas e padrões para seres humanos não é justo e nem democrático. A defesa de uma escola plural, humanizada, empática e responsável em relação às diversidades de gêneros e sexualidades é, sem dúvidas, a garantia de cidadanias plenas.

**REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. 24 ed - São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GABARRÓN, Luis R.; LANDA, Libertd Hernández. **Investigación Participativa**. Trad. Telmo Adams. Cadernos metodológicos 10, Centro de Investigações metodológicas- CIS. Espanha: 1994, cap 1, p. 7-21.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINS, Walkiria. **Gênero e Sexualidade na formação Docente: um estudo a partir do currículo**. São Luís: EDUFMA, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3.ed; 10. reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.